

# Elisa Lucinda – Consagração da criatura

Filho..., igualzinho à minha poesia  
você nunca foi meu órgão  
A arte é constante e me habita à hora que ela quer  
e à hora que eu deixo  
Mas não me existe combinada, não há contratos nem despejos  
você tem intimidade com meus interiores  
com meus departamentos  
Você é um argumento contra mim e a meu favor  
Me trai porque conhece meu avesso  
Me enobrece porque me tornou poderosa  
Capaz de prosseguir com essa invenção chamada humanidade  
Você é a barbaridade de ter feito a minha barriga crescer  
Meu corpo zunir, abrir, escancarar pra você sair  
de onde eu nunca pus sequer os pés, as mãos  
da casa em que vivo e habito sem nunca ter entrado  
porque moro fora de mim.  
O que faz de seu Édipo eficiência  
e de seu abuso, cultura  
é essa estrutura feita de mim  
sem que eu tenha em ti o mesmo acesso  
Por isso a criatura é mais que o criador  
e você que saiu por onde entrou

Como ocorre com o poema  
tem seu passaporte carimbado para todos os estados  
de minha alma, de meu espírito  
Você que é onírico, sábio vassalo  
Me tiraniza e perde a fala, o fôlego, o faro  
Me organiza e ganha o futuro  
e ainda segura o jogo duro de viver independente de minha  
respiração  
Espião de meus bastidores

Olhou minhas entranhas enquanto virava ser humano  
quieto dentro de mim como as palavras antes de serem poesia  
Mas fui apenas uma pensão, uma besteira  
ou um hotel cinco estrelas  
ou um amniótico colchão.  
Hoje saído dessa embalagem, me olhas como miragem  
de parecer tão próprio, tão seu  
Me olhas como árvore  
ziguezagueia e olha para o que fui: passageira semente.  
Me olha como gente que já me viu por dentro  
vasculhou meu plasma, minhas gavetas  
me deixou pasma, corou minha buceta  
e sabe meu segredo  
Me olha elegante e vestido  
e se sente despido ao saber que o olho de minha coxia  
também te viu virar varão.

Deixar de ser óvulo, indefinição, projeto, embrião  
e haverá sempre um leite materno  
escorrendo pelo seu terno  
como mirra, bênção, distração  
como birra, alimento, maldição  
maior que mim, melhor que mim.  
Está pronto e feito, como o meu melhor poema  
Nem branco nem preto.  
Nem real nem ilusão.  
Um grande amuleto da palavra são.

**Elisa Lucinda, O semelhante**